

Sentidos produzidos sobre Violência de Gênero Contra Mulheres no Contexto Universitário

Gabrielli Cerini Ferreira

Domitila Shizue Kawakami Gonzaga

Carla Guanaes-Lorenzi

RESUMO

A violência de gênero contra mulheres é um fenômeno estrutural, presente também nas universidades. O objetivo desta pesquisa foi construir sentidos com estudantes universitárias sobre esse tema. Utilizando uma cena como recurso para produção de dados, realizamos entrevistas com onze mulheres cisgênero, heterossexuais ou bissexuais, brancas ou negras, de 20 a 26 anos, estudantes de universidades públicas ou privadas. As entrevistas foram audiogravadas, transcritas e analisadas, considerando o processo de produção de sentidos, resultando em dois eixos temáticos: 1) Repercussões dos discursos hegemônicos sobre masculinidades e feminilidades; e 2) Estratégias individuais, grupais e institucionais de enfrentamento a essa violência. Ao se depararem com a cena, as participantes apresentaram repertório que permitiu nomear comportamentos abusivos como violência. No cotidiano, sentem-se pouco amparadas para lidar com a situação, temendo sofrerem maiores violências. Para lidar com esse fenômeno, são necessários posicionamentos mais veementes das instituições no enfrentamento da violência de gênero contra mulheres.

Palavras-chave: Gênero, violência, mulheres, universidade, construcionismo social.

ABSTRACT

Meanings Produced about Gender Violence Against Women in the University Context

Gender violence against women is a structural phenomenon, also present in universities. The objective of this research was to build meanings with university students about this topic. Using a scene as a resource for data production, we conducted interviews with eleven cisgender, heterosexual or bisexual, black or white women, aged between 20 and 26, students from public or private universities. The interviews were audio-recorded, transcribed and analyzed, considering the production process of meanings, resulting in two thematic axes: 1) Repercussions of hegemonic discourses on masculinities and femininities; and 2) Individual, group and institutional strategies to face this violence. The participants have a repertoire that allows them to name abusive behaviors as violence. They feel little supported to deal with them, fearing further violence. More vehement positions on the part of educational institutions in dealing with gender violence against women are relevant.

Keywords: Gender, violence, women, university, social constructionism.

Sobre os Autores

G. C. F.
orcid.org/0000-0002-9752-5430
Universidade de Ribeirão Preto
(Unaerp) - Ribeirão Preto – SÃO
PAULO (SP)
gabriellipsico@gmail.com

D. S. K. G.
orcid.org/0000-0001-6465-1011
Universidade de São Paulo (USP)
- Ribeirão Preto – SÃO PAULO
(SP)
domitila.psicologa@gmail.com

C. G. L.
orcid.org/0000-0001-6263-9078
Universidade de São Paulo (USP)
- Ribeirão Preto – SÃO PAULO
(SP)
carlaguanaes@usp.br

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



A violência é um fenômeno complexo e estrutural, construído por diversos fatores sociais, históricos e culturais (Silva et al., 2016). O ato violento é constituído nas relações desiguais de poder e, muitas vezes, está relacionado a discursos hegemônicos sobre dominação, exploração e exclusão, que sustentam entendimentos de determinadas pessoas serem melhores que outras (Castro et al., 2010).

Especialmente acerca da violência de gênero contra mulheres, compreendemos que essa pode ocorrer tanto no ambiente público quanto no privado. É interpretada como qualquer ação violenta baseada em diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres, por meio da qual se sustentam expectativas referentes às respostas desses gêneros, operando para a manutenção de relações desiguais, entendidas como naturais e legitimadas pela sociedade (Castro et al., 2010; Maito et al., 2019).

No que diz respeito especificamente à violência contra mulheres em contexto universitário, foco desse trabalho, é relevante apontar que a violência nesse contexto se dá não somente no campus físico da universidade, mas também em festas universitárias, no âmbito virtual, em palestras e viagens acadêmicas (Maito et al., 2019). Por meio de abusos e violências, muitas jovens são agredidas e excluídas do convívio universitário, o que pode acabar impactando suas carreiras (Bandeira, 2017).

No Brasil, esse tipo de violência ocorre, de modo expressivo, no contexto dos “trotos”. Nessas práticas ritualizadas, são reproduzidas e impostas desigualdades hierárquicas tradicionais referentes a gênero e raça, por exemplo (H. Almeida, 2019; T. Almeida, 2017). Nas universidades, as mulheres vivenciam diversas situações de violência expressadas por meio do assédio sexual (comentários com apelo sexual não desejados, cantadas ofensivas e abordagem agressiva), da coerção (condutas que forçam a ingestão de bebida alcoólica e/ou outras drogas, participação forçada em atividades difamantes, como leilões e “trotos”), da violência sexual (tentativa de abuso da mulher que está sob efeito de álcool e/ou outras drogas, toques sem consentimento e estupro), da violência física, da desqualificação intelectual (piadas ofensivas), da agressão moral ou psicológica (músicas ofensivas cantadas por torcidas acadêmicas), entre outras (Maito et al., 2019; Moraga-Contreras, 2018).

Uma pesquisa do Instituto Avon (2015) ilustra esta problemática. Em 2015, 56% das estudantes relataram ter sofrido assédio no contexto universitário, assim como 25% das estudantes já vivenciaram situações de agressão ou desqualificação em decorrência de negação à investida sexual na universidade. Inicialmente, 10% das estudantes declararam ter experimentado algum tipo de violência nas dependências universitárias ou em festas da universidade, o

que se altera para 67% após a exibição de uma lista de violências.

A identificação de violências pode ser dificultada pelo julgamento moral das mulheres que passam por essas experiências, pois, socialmente, mulheres são levadas a se sentirem culpadas por ingerirem bebidas alcoólicas e usarem roupas curtas, como pode ocorrer em festas universitárias (H. Almeida, 2019; Linhares et al., 2021). Ainda segundo essa pesquisa (Instituto Avon, 2015), 27% dos homens universitários entrevistados não consideravam violência o abuso de mulheres alcoolizadas, e 35% deles não consideravam violência coagir mulheres para participarem de desfiles e leilões (o que, frequentemente, acontece em “trotos”).

Segundo a pesquisa de R. Souza et al. (2020), 97% das mulheres entrevistadas, quando questionadas sobre assédio, relataram já terem sido importunadas dentro da universidade, dentre as quais 59,8% apontaram olhares que causaram incômodo e 23% comentários e piadas sobre seus corpos. Essas manifestações de violência podem acontecer entre colegas de curso, estudantes, professores, funcionários e pessoas conhecidas pela mulher (Bandeira, 2017).

H. Almeida (2019) analisa a violência de gênero contra as mulheres como estando fortemente arraigada em tradições institucionais e hierarquias estabelecidas, que se mostram alheias às demandas por igualdade de gênero apresentadas por professoras/es e estudantes. Segundo a autora, a dificuldade no avanço de investigações internas na universidade indica atravessamentos de discursos “morais” que tendem a gerar uma série de constrangimentos, sendo esse um aspecto que se repete nos tribunais, onde poucos estudantes são efetivamente responsabilizados pelas violências praticadas.

Para Paiva (2008), o discurso construcionista transformou os entendimentos de gênero e sexualidade, contribuindo para o questionamento do determinismo biológico e para a análise social e histórica da origem da dominação masculina. A autora também reconhece a contribuição da produção feminista que, “desde os anos 1970, (...) dedica-se a questionar a inevitabilidade e a naturalidade da desigualdade entre os sexos e da subordinação feminina” (p. 644), sendo a categoria gênero uma proposição relevante da teoria feminista para análise social.

Recentemente, a publicação de estudo amplo sobre o tema da violência de gênero contra mulheres na universidade dá visibilidade para a complexidade desse fenômeno, mostrando como disputas conceituais dificultam consenso nas definições de violência (H. Almeida, 2019). Por meio de estudo etnográfico, é demonstrado como uma cultura institucional com relações de poder fortemente sustentadas em seu cotidiano, em diferentes níveis, assegura mecanismos

de silenciamento e dificulta a implementação de redes de proteção, a adoção de medidas institucionais de combate à violência e a responsabilização das pessoas envolvidas nos atos violentos (H. Almeida, 2019). Esta pesquisa contribui para o debate em curso sobre violência de gênero contra mulheres no contexto universitário e, assim, favorece seu enfrentamento.

A partir desse referencial, a presente pesquisa teve como objetivo geral construir sentidos com mulheres estudantes universitárias sobre violência de gênero de homens cisgênero contra mulheres cisgênero, praticadas em contexto universitário. Preocupamo-nos em salientar que as violências vivenciadas por mulheres transgênero são expressivamente diferentes das que serão apresentadas neste estudo, o que pode ser analisado a partir dos estudos interseccionais (Crenshaw, 2004).

MÉTODO

Esta pesquisa foi desenvolvida de acordo com as diretrizes da Resolução CNS 510/2016 sobre pesquisas envolvendo seres humanos e o seu início ocorreu mediante aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP (número CAAE: 32179820.2.0000.5407).

Epistemologicamente, a pesquisa se baseia nas proposições do construcionismo social como movimento em ciência (K. Gergen, 2009). Assim, assumimos que a construção de conhecimento se dá por meio de práticas

sociais (K. Gergen, 2009; McNamee, 2014). Somos convidadas a questionar quais conjuntos de valores e posturas estão presentes ou ausentes em nossas perguntas e adquirimos consciência do caráter provisório dos resultados dos nossos estudos, na medida em que o conhecimento é histórica, cultural e localmente situado (McNamee, 2014; Raser et al., 2016).

Como referencial metodológico, optamos por trabalhar a partir das “práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano”, inspirando-nos nas proposições de Spink e Medrado (2013). Para contato com as participantes, baseamo-nos na amostragem em bola de neve, a qual consiste no aproveitamento da rede social das pessoas entrevistadas para a constituição do conjunto de participantes da pesquisa, considerando-se os critérios definidos para tal (Vinuto, 2014).

As duas primeiras entrevistas contaram com a participação de mulheres da rede de contato das pesquisadoras. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado por todas as participantes. Esse explicava os aspectos envolvidos na pesquisa e foi assinado após esclarecimento de eventuais dúvidas. Ao final das entrevistas, a pesquisadora solicitou que cada participante escolhesse o nome fictício a ser adotado na pesquisa. Participaram do estudo onze mulheres cisgênero, heterossexuais ou bissexuais, brancas ou negras, estudantes universitárias, de 20 a 26 anos, estudantes de universidades públicas ou particulares, sem especificação de curso.

Tabela 1. Caracterização das participantes da pesquisa

Participante	Orientação sexual	Idade	Universidade	Curso	Raça
Gabriela	Heterossexual	21	Pública	Economia	Branca
Karol	Bissexual	21	Pública	Arquitetura e Urbanismo	Branca
Helena	Heterossexual	23	Pública	Arquitetura e Urbanismo	Branca
Catarina	Heterossexual	20	Particular	Psicologia	Negra
Mônica	Bissexual	26	Particular	Psicologia	Branca
Alice	Heterossexual	22	Pública	Biotechnology	Branca
Maria Júlia	Heterossexual	23	Particular	Medicina	Branca
Valentina	Heterossexual	21	Particular	Arquitetura e Urbanismo	Branca
Kylie	Heterossexual	26	Particular	Psicologia	Branca
Maria	Heterossexual	23	Particular	Direito	Branca
Vanessa	Heterossexual	22	Pública	Psicologia	Branca

Realizamos entrevistas individuais virtuais, por meio da plataforma *Google Meet*, em decorrência do contexto da pandemia da Covid-19. As entrevistas tiveram início em outubro de 2020 e foram finalizadas em janeiro de 2021. Adotamos o entendimento de que a entrevista é considerada uma prática discursiva. É na interação entre pesquisadora e participantes que são produzidos os sentidos em torno do tema pesquisado (Pinheiro, 2013). As entrevistas foram desenvolvidas partindo da apresentação de uma cena de uma festa universitária, seguidas por algumas perguntas para guiar a conversa: 1) Você acha que sua idade, sua orientação sexual, seu curso, sua raça e classe interferem em vivências parecidas com esta? 2) Como você se sentiria diante desta situação? 3) Qual sua opinião a respeito da atitude do Flávio? 4) Qual ponto/ momento desta narrativa te chamou mais atenção? Por quê? 5) O que achou da nossa conversa? Se fosse contar para alguém sobre ela, o que diria que foi mais significativo?

Para a construção da cena, inspiramo-nos nas cenas fictícias de Paiva (2000). A autora enfatiza a presença simbólica de discursos compartilhados pelo contexto social, político, econômico, cultural e pelas pessoas significativas em nossas vidas na maneira que construímos e interpretamos as cenas. Com isso, as elaborações e os

entendimentos acontecem por intermédio de diversas vozes que embasam e sustentam nossos entendimentos de mundo, e, portanto, são diferentes os sentidos construídos sobre a mesma cena.

Realizamos a análise das entrevistas com base na proposta teórica-metodológica de Spink e Medrado (2013). A autora e o autor apresentam as práticas discursivas como realizações que decorrem das influências dos discursos produzidos sedimentados no tempo: o longo, o vivido e o curto. O primeiro tempo se refere aos conteúdos culturais que se fazem presentes por meio de discursos ou linguagens sociais relativamente institucionalizadas; o segundo engloba narrativas pessoais sustentadas na história de vida e parte do processo de socialização; já o terceiro diz respeito ao momento interativo ou tempo da interanimação dialógica, isto é, da dinâmica da produção de sentido, da interação imediata entre as pessoas. O processo de interanimação dialógica assume mais fortemente o caráter provisório dos sentidos e implica em considerarmos o uso da linguagem no momento de uma interação, refletindo não apenas sobre aquilo que é dito por alguém, mas o que precede seu enunciado – as perguntas feitas e o contexto mais amplo do processo de significação.

Tabela 2. Cena

Hoje é quinta-feira, e você vai com suas melhores amigas para uma festa universitária em uma chácara da cidade. Finalmente esta festa chegou. Desde o começo do mês, vocês estão planejando e pensando animadas em como ela será divertida. Parece que muita gente vai, os lotes iniciais acabaram rápido e as atrações estão muito boas. Vai ter música boa e vai ser open bar.

Vocês combinaram de chegar cedo e aproveitar bastante. Por isso, resolveram se arrumar juntas, e ir de Uber, já que a ideia é beber e nem ir à aula no dia seguinte. Antes de ir, vocês comeram um lanche, tomaram o Engov de antes, guardaram o de depois, e combinaram que iam beber uma garrafa de água a cada tanto de cerveja. Afinal, redução de danos é importante! Ainda por cima, reafirmaram aquele pacto de não se separarem durante a festa, sem que as outras soubessem, e de enviar mensagens de segurança no celular. Estava tudo certo e o clima, perfeito.

Chegando na festa, logo encontraram rostos bonitos conhecidos, acharam o bar e ficaram naquele cantinho ótimo na pista de dança. A diversão ficou ainda melhor quando você começou a flertar com aquele cara bonito, que você já tinha visto na cantina da faculdade. A música era envolvente, vocês trocavam olhares e ele te mandava uns sorrisos atraentes.

Em uma ida ao banheiro com suas amigas, você conta para elas que está flertando com ele e uma delas conta que eles têm um amigo em comum. O nome dele é Flávio, é muito gente boa e solteiro. Você fica ainda mais animada. Na volta pra pista de dança, passam para pegar outra cerveja no bar, e correm porque a música que você e suas amigas mais gostam começou a tocar.

Neste momento, vocês estão superfelizes, rindo e dançando. Flávio, então, se aproxima e começa a dançar com você. Agora, vocês se apresentam e começam uma conversa interessante e divertida. Conforme a conversa, vários pontos em comum foram surgindo e ele parecia realmente gente boa. Na ida ao bar juntos, depois do pedido da cerveja, vocês se beijam.

A festa que já estava boa, parecia ter ficado ainda melhor. Então, vocês voltam à pista de dança, encontram suas amigas e, todos juntos, começam a dançar e cantar. Flávio começa a se aproximar com mais liberdade. Ele começa a lançar olhares por todo seu corpo, e falar algumas frases no seu ouvido, a respeito do seu corpo e da sua aparência. Você pede para ele parar porque está se divertindo com suas amigas, mas esse pedido é insuficiente. Ele diz para você deixar de bobear, que estão se divertindo.

Você lança um olhar para suas amigas, com a intenção de despistar Flávio, e juntas vão ao banheiro. Na saída, se deparam com ele te esperando, e esta situação te leva a decidir ir embora da festa. A festa que, em algum momento, tinha ficado ainda melhor, agora não estava tão divertida mais. No dia seguinte, você se surpreende com uma mensagem de Flávio no seu celular pedindo desculpas pela noite de ontem, dizendo que algumas vezes o álcool faz ele agir assim, mesmo sem querer.

Adotamos os seguintes passos para a análise: a) leitura atenta do material transcrito; b) primeira elaboração dos eixos de análise articulados aos sentidos produzidos pelas participantes, atentando-nos aos termos usados, repertórios interpretativos e discursos sociais; e c) refinamento e fechamento dos eixos, a fim de dar visibilidade aos diferentes discursos sociais e sentidos sobre o que pode ser ou não uma situação de violência, em relação com discursos sobre feminilidades e masculinidades. Assim, dois eixos foram produzidos na organização de nossa análise e traduzem, tanto nosso diálogo com os objetivos da pesquisa, como com a literatura específica da área: 1) Repercussões dos discursos hegemônicos sobre masculinidades e feminilidades; e 2) Estratégias individuais, grupais e institucionais de enfrentamento à violência.

Para cada um dos eixos, exibiremos trechos dos diálogos construídos na entrevista, além de englobarmos alguns debates da literatura. Colocamos os trechos de falas na linha seguinte à utilização de dois pontos (:), iniciando pelo nome fictício escolhido pela participante e, quando utilizamos colchetes e reticências ([...]), referimo-nos a um momento em que a conversa continuou durante a entrevista realizada, mas não foi exposta. Também mantivemos a linguagem coloquial usada na entrevista.

RESULTADOS

REPERCUSSÕES DOS DISCURSOS HEGEMÔNICOS SOBRE MASCULINIDADES E FEMINILIDADES

Neste eixo, exibiremos relatos das estudantes sobre momentos em que elas ou mulheres próximas a elas vivenciaram formas diferentes de violência por parte de homens em festas universitárias, além de relatos acerca de atravessamentos sociais nestas vivências:

Helena: [...] A minha amiga, ela tava pegando gelo num bar, daí um cara que ela nunca viu na vida puxou ela [...], e tentou beijar ela a força. [...] Tem situação também de eu estar brincando com um amigo meu. [...] E, daí, chegar um cara, assim, é... "Põe a mão no peito dela, põe a mão no peito dela..."

A participante Catarina também relatou: "[...] eu fui em uma festa uma vez, [...] de república, e um menino ficou me puxando a festa inteira. [...] Eu tinha que ficar empurrando e falando: 'Não, não quero'..."

Kylie também contou de experiências vividas em outros contextos universitários, relatando momentos em que ela ou colegas próximas se sentiram assediadas por professores:

Kylie: Professor que vem com mãozinha no ombro, que vem querer relar em cabelo... Eu não acho legal isso. Tipo, meu, você tá relando em outra pessoa, sem ter intimidade com ela... E aí, você fica meio assim, às vezes você nem reclama, acaba não reclamando disso, acaba ficando quieta, por medo, tipo assim,

desse professor te ferrar em nota e fazer você ter DP.

Uma experiência de *mansplaining* com um colega de curso também foi relatada por Kylie:

Kylie: [...] eu falava uma coisa, ele [o colega] repetia a coisa exatamente do mesmo jeito, só que, como se do jeito que ele estivesse falando era muito melhor, [...], se era uma menina mandando, ele sempre tentava bater de frente, nunca queria aceitar... Aconteceu várias vezes.

Tais falas indicam que as participantes vivenciaram ou assistiram a variadas formas de violência, mesmo silenciosas e de difícil identificação; e que, ao mesmo tempo, possuem repertórios para significar ou nomear tais vivências como violência. Ademais, os relatos englobam diferentes debates sobre questões sociais amplas, que atravessam as vivências sobre gênero e seus marcadores sociais, por exemplo, a classe social. Sobre isso, Maria relatou:

"[...] isso também, acho, contribui pra, às vezes, a pessoa não saber escutar um 'não', porque, às vezes, já não sabe escutar 'não', tipo, da vida, então... Quem é você pra me falar um 'não'".

Maria levanta um questionamento em relação ao homem que, por "ser homem", não considera possível receber o "não" de uma mulher em uma festa, sobretudo se esta for pobre: "*Quem é você pra me falar um 'não'*". As participantes também relatam que acabam sendo obrigadas a restringir os espaços onde circulam, bem como escolher suas vestimentas pelo medo do assédio, isto é, como forma de evitarem situações em que se sintam inseguras:

Karol: [...] a gente, como mulher, tá sempre se podando na nossa liberdade pra não sofrer coisas mais graves, sabe? [...] Do mesmo jeito que a gente não pode, acho que, tipo, não pode andar na rua à noite ou, às vezes, a gente, nem de dia anda na rua sozinha... Isso se reflete em várias escalas da nossa vida, né... Desde a roupa até o corte de cabelo... Até onde você vai...

Em algumas situações, ao se protegerem ou defenderem seus posicionamentos, são descritas como "grossas":

Karol: [...] Eu tenho muita dificuldade em dizer "não" pra pessoa, sabe? De tipo, ser aquela pessoa dura que vai virar e falar: "Olha, eu não quero isso. Para", tipo, de maneira grossa mesmo, sabe? Eu tenho muita dificuldade de... Então, tipo, às vezes, você acaba fazendo uma coisa que você não quer, só pra não falar "não", sabe?

O medo de se tomar uma decisão mais assertiva também foi abordado, podendo impor às mulheres um lugar de passividade e impotência diante das situações de violência vivenciadas:

Mônica: [...] Tem gente que tem medo de ser agredida por falar "não", entendeu? [...] Tem a questão, por exemplo, de depois da festa. Vamos supor, no outro dia, chegar mensagens do cara, sabe? [...] Tem gente que tem medo sim, de tomar uma atitude.

Outro marcador social abordado no decorrer das conversas foi o da orientação sexual. As entrevistadas relataram situações ligadas, especialmente, ao machismo de homens em relação às mulheres que se relacionam com outras mulheres:

Helena: [...] você beija uma menina na festa, o cara chega falando uma coisa pra você ou, tipo, pedindo pra entrar... É... Ou... Você tá ficando com um cara, daí ele lembra que você fica com menina também, daí ele fala, assim, ai, não, é... "Você fez isso, porque você pega mulher também", tipo? (risos).

Situações de racismo também foram vivenciadas. Catarina destaca o lugar de maior opressão no qual as estudantes universitárias negras são colocadas pelos estudantes brancos:

Catarina: Porque eu já ouvi alguns comentários, não pra mim, mas eu já vi alguns comentários, de gente compartilhando: "Ah, porque eu sempre quis ficar com uma menina preta, porque todo mundo fala que é melhor, porque não sei o que" ... [...] Então, eu acho que alguns meninos acabam, é... Invadindo mais o nosso espaço e sendo mais desrespeitosos, porque quer focar nessa história de... Ah, como se a gente fosse mais sexual que outras, sabe?

ESTRATÉGIAS INDIVIDUAIS, GRUPAIS E INSTITUCIONAIS DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MULHERES NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

Neste eixo, apresentamos diferentes estratégias de enfrentamento à violência de gênero contra mulheres, entendidas como protetivas pelas participantes. Uma delas, descritas como um contexto de partilha de entendimentos sobre a temática, foram os Coletivos Feministas e as rodas de conversas. As estratégias desenvolvidas pelas estudantes funcionam como um espaço educativo de prevenção a situações de assédio e violência:

Kylie: [...] você ter um órgão que promove palestra, que promove, é, roda de conversa... É muito importante pra informação chegar pras pessoas. [...] Mesmo que ela tá dentro de uma faculdade, não é garantido que a informação vai chegar pra ela do jeito que chegou pra você [...] A gente não sabe de tudo, não sabe como reagir a certas coisas, não sabe aonde procurar.

Em relação às festas universitárias, as estudantes relataram a importância dos comitês de acolhimento, organizados por iniciativa das próprias estudantes, para o manejo das situações de riscos que acometem as mulheres e outras pessoas nesse contexto:

Karol: [...] as pessoas que organizam a festa, todas elas têm, tipo, uma marcação, tipo, às vezes um colete que elas amarram no braço, alguma coisa assim... Caso alguma menina sofra algum tipo de abuso, é só comunicar essa pessoa, sabe, que tá na organização. [...] Isso tanto pra atitudes homofóbicas, quanto machistas, quanto qualquer tipo de discriminação.

Sobre as estratégias institucionais adotadas, várias participantes significaram as ações das universidades como insuficientes:

Alice: [...] a gente já recebeu [...] várias denúncias de assédio dentro da faculdade e, tipo, é muito difícil a gente... Tipo, olha o nível de desinformação que a reitoria passa pras pessoas, tipo, a gente não sabia com quem falar, como falar, onde... Sabe? [...] é muito difícil protocolar um pedido, uma denúncia de assédio, lá dentro da faculdade, muito difícil mesmo. [...] Parece que é muito pra colocar no registro: "Temos isso", mas usar não usa, sabe?

De acordo com os relatos, as universidades acabam, muitas vezes, ignorando situações de violência e assédio no âmbito universitário, contribuindo para a naturalização destes atos. Ainda, termos utilizados pelas participantes como *"costumam abafar"*, *"é o máximo isso [...] de posicionamento da instituição"*, *"nunca sai disso"*, *"muito difícil mesmo"*, entre outros, sustentam a construção desse sentido de uma ação pouco efetiva ou insuficiente. Assim, compreendemos que as estudantes demonstram se sentir desamparadas no que se refere ao suporte da universidade, podendo contribuir para a manutenção e sustentação da violência nesse contexto.

DISCUSSÃO

Nas entrevistas, ao entrarem em contato com a cena narrada, as participantes de nossa pesquisa foram convidadas a nomear a situação, na qual a construção do seu aspecto violento não foi negligenciada, mas sustentada e apontada por todas. A cena apresentada convidou as mulheres à descrição de "cenas" reais vividas em suas próprias histórias de vida. Apontamos, assim, que as participantes possuem repertórios para nomear como violência algumas das diversas situações abusivas às quais estão expostas no contexto universitário.

Elas puderam contar histórias vividas pelos seus próprios corpos ou de colegas próximas, em que homens insistiram em aproximações por elas indesejadas. Como exemplo, podemos citar uma experiência relatada por Helena, quando um homem de fora da relação dela com seu amigo chega e diz a ela: *"Põe a mão no peito dela, põe a mão no peito dela..."*, como se ele possuísse autorização para tocar o corpo dela. Por meio de cenas como esta, podemos destacar a descrição de corpos acudados, que, de modo abstrato, reproduzem discursos do tempo longo na dinâmica das interações sociais do tempo vivido.

Nomear essas situações como violência faz parte de uma construção relativamente recente no vocabulário das mulheres, mas compõe os repertórios desenvolvidos pelas participantes em sua história de socialização (tempo vivido). O mesmo se passa com termos agregados ao cotidiano que contam sobre violências de ordem intelectual e que as participantes também relatam, como é o caso do

mansplaining. Esse termo e outros, como *gaslighting* e *manterrupting*, tem composto o repertório de mulheres na contemporaneidade, e se valem de processos de interação cotidiana, fortalecendo a postura de que mulheres não aceitem distintas formas de violências de gênero, inclusive as intelectuais (D'Ávila, 2019).

Na situação relacional da entrevista (tempo curto), Kylie, por exemplo, problematizou o discurso social (tempo longo) de que ao homem é atribuído não somente o poder físico, mas também o intelectual. Sua fala remete a mulheres silenciadas, pois, quando “uma menina” manda, ao homem cabe “bater de frente” e não aceitar. Assim, entendemos que o processo de construção de sentidos neste eixo se dá também porque os repertórios discursivos, hoje disponíveis para compreensão do fenômeno da violência (inclusive permitindo sua nomeação como tal), se ampliou, possibilitando o questionamento de relações de poder de dominação.

A problematização do fenômeno da violência de gênero contra mulheres com base no reconhecimento dos marcadores sociais que o atravessa também se presentificou nas entrevistas. As participantes construíram sentidos baseados em como as violências podem ser vividas de maneiras desiguais, fundamentado na problematização de que mulher é essa, ou seja, a qual ou a quais grupos de mulheres ela pertence. Também nesse eixo, notamos a presença marcante de repertórios atuais, por meio dos quais condenam violência e buscam desnaturalizar a desigualdade, reconhecendo a presença dos componentes de gênero, raça, classe e orientação sexual para reações e experimentações violentas diferentes (Almeida, 2019).

Também percebemos que algumas participantes expressaram suas dificuldades tanto em compreender uma situação como violenta, como em responder a ela com “não” – o que sugere uma espécie de expectativa de responder à violência (estrutural) de modo apenas individual (H. Almeida, 2019).

Para pensar os marcadores sociais que atravessam socialmente as vidas de diferentes mulheres, é possível evocar falas como de Maria para pensar efeitos de discursos sociais nas práticas sociais: “*Quem é você pra me falar um 'não'?*”. Essas falas podem denunciar a presença de discursos sociais na configuração de práticas sociais, sustentando o entendimento de que homens ricos, nesta intersecção de classe e gênero, teriam os corpos das mulheres disponíveis.

No caso de mulheres que se relacionam com outras mulheres, como relatado por Helena, reconhecemos o que a literatura aponta como sendo um fetiche social, que parece sugerir que alguns homens se sentem convidados a participar de tais relacionamentos (Callis, 2013): “[...] *you beija uma menina na festa, o cara chega [...] pedindo pra entrar...*”.

Quando as mulheres não se comportam de acordo com a heteronorma – como é o caso das mulheres que se relacionam com homens e com outras mulheres –, a violência acaba assumindo uma versão mais “diluída” e sutil, portanto, muitas vezes difícil de identificar como sendo violência. Contudo, percebemos que as estudantes conseguiram reconhecê-la e perceber que frases como “*você fez isso porque você pega mulher também*” podem se tratar de uma iniciativa que visa dominar a mulher e reinseri-la na norma social hegemônica.

Da mesma forma, alguns termos como “carne”, “caça”, “predador” foram trazidos por algumas participantes quando problematizaram os sentidos associados à posse, objeto e animalidade oferecidos às mulheres ao longo do tempo. Esses entendimentos encontram outra camada de violência quando associados ao racismo, que é o caso do que relata Catarina, quando diz que já ouviu comentário sobre o interesse de homens em ficar com meninas pretas “*porque todo mundo fala que é melhor*”.

Esse processo de hipersexualização é relatado por Kilomba (2008/2019) quando acrescenta o aspecto animalesco e erótico/exótico às mulheres negras, um sentido compartilhado no tempo longo desde os processos de colonização e escravização das pessoas da África. Gonzalez (2020) discute que a hipersexualização e objetificação da mulher negra encontra apoio no imaginário social racista, que é construído ora as posicionando como subalternas em trabalhos invisibilizados, ora como detentoras de uma sexualidade sedutora inerente a seus corpos. Como exemplo, a autora descreve o termo “mucama”, nome que contempla a dupla imagem da mulher negra na sociedade atual: escrava negra jovem escolhida para os serviços domésticos e sexuais. Desse modo, como uma herança histórica de submissão, nas universidades, é possível encontrar relações nas quais está subentendido, a partir de perspectivas discriminatórias de que mulheres negras são disponíveis sexualmente (Roskin-Fraze, 2020 citado por Santos, 2022).

Sobre esse ponto, Karol também traz a complexidade a respeito do uso de roupa. Chamberlain (2016) aponta como um dos marcos da Quarta Onda Feminista um evento acontecido no Canadá, em que uma mulher é estuprada e, ao fazer a denúncia, um policial diz que sua roupa era de vadia, o que levou à violência que ela viveu. Esta situação suscitou a Marcha das Vadias, um evento que aconteceu em diferentes partes do mundo, em protesto ao processo de culpabilização da roupa usada por mulheres como estimulador de estupro e assédios.

Karol, por exemplo, mencionou não poder andar na rua sozinha e não poder usar determinados shorts ou decotes, “podando” a própria liberdade para não sofrer coisas mais graves. Desta forma, ao mesmo tempo em que critica o discurso de vítimas serem culpadas pela violência vivida, se

percebe impotente frente à situação, sendo responsabilidade das próprias mulheres a escolha da roupa, para se sentirem mais seguras em determinados espaços.

O discurso da culpabilização da vítima também atravessa os sentidos de como uma mulher *pode* ou não reagir a essas situações, e qual homem (baseado em seu estereótipo) *pode* ser violento. Falas como de Mônica, tem “*gente que tem medo de ser agredida por falar ‘não’*”, da mesma forma quando Maria diz que “*a pessoa não sabe escutar um ‘não’*”, contam-nos sobre o processo de socialização dos gêneros (tempo longo). Autoras feministas têm problematizado, ao longo da história, esta construção narrativa que permite e autoriza homens a invadirem o espaço de mulheres, ao passo que as constrange e proíbe (M. Gergen, 2001). Entre seus efeitos está a dificuldade em reconhecer e responder a situações de violência cotidiana.

Nossa análise indica que, apesar de as participantes reconhecerem as situações que vivenciam como violência, não raro sentem dificuldade de lidar com elas, especialmente quando a situação se passa com elas próprias. Karol conta que, quando a situação se passa com uma amiga, torna-se mais fácil reconhecer a situação de violência, ao passo que, quando a vivência é com ela própria, questiona-se e pondera que o homem “é um cara legal”.

Essa complexidade se deve também aos diferentes poderes dos discursos sociais. Segundo Michel Foucault, os discursos são como “murmúrios anônimos”, ou seja, há um processo contínuo, constante e desde muito tempo a respeito de verdades repetidas por muitas pessoas anônimas, as quais são corporificadas em nosso cotidiano (Fischer, 2001). Deslocar-se desses murmúrios pede por um movimento contínuo de luta e resistência, que é coletivo.

A respeito dessas lutas e resistências é que falam as participantes quando refletem sobre estratégias individuais, grupais e institucionais de enfrentamento à violência. Onde há poder, há resistência, e, portanto, as mulheres, ao apontarem que estes aspectos estão sendo vivenciados e sustentados nas universidades, indicam a construção de Coletivos Feministas e Comitês para debate, reflexão e ação.

Apesar de compreenderem a importância e força dessas ações coletivas, as participantes também relataram sobre sua fragilidade. Falaram sobre a importância do posicionamento das universidades na criação de outras ações de enfrentamento, que poderiam ser mais contundentes. Destacamos a importância destes debates, pois, a visão caricatural difundida pela mídia, retrata homens autores de violência como seres monstruosos e corrobora com a desqualificação de qualquer reclamação que venha a ser feita contra um aluno estudioso e de “boa família” (H. Almeida, 2019). Ainda, compreendemos que, por se tratar de violências diluídas em atividades diárias entre colegas e demais

pessoas do contexto acadêmico, a identificação destes atos, como também a concepção do que é passível de denúncia, é mais difícil (T. Almeida, 2017).

A esse respeito, é válido mencionar debates sobre a responsabilização dos homens sobre tal assunto. O debate se amplia de termos como “culpabilização” para “responsabilização”, ou seja, quando o assunto é violência de diferentes formas, toda a sociedade pode se comprometer, em termos de corresponsabilização. Algumas ações têm convidado homens para dialogar a respeito da violência de gênero, como é o caso de grupos reflexivos de gênero (Beiras et al., 2021).

Além disso, entendemos que as universidades precisam se comunicar com outras instituições, serviços e movimentos presentes em nossa sociedade, como as Delegacias da Mulher e os Centros de Referência da Mulher, além de estimular as estruturas administrativas e políticas em direção ao reconhecimento de desigualdades de gênero, raça e classe como uma realidade que constrói desigualdades sociais (Souza & Costa, 2022).

Podemos encerrar essa discussão apontando a polissemia das práticas discursivas e a potência que há na construção conjunta de sentidos. Em nossa pesquisa, encontramos mulheres jovens com compreensões amplas sobre as formas como a violência de gênero contra a mulheres podem se expressar no cotidiano e com conhecimento de seus direitos. As participantes também reconhecem como “permanências” de alguns discursos sociais ainda constroem as possibilidades de enfrentamento da violência, demandando por ações em distintos planos – individuais e coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a literatura que embasa esta pesquisa sustenta, percebemos o ambiente universitário, apesar de ser esperado crítico em relação às desigualdades de poder, ser também propício para a sustentação e reprodução de diferentes tipos de violências contra mulheres (H. Almeida, 2019). As participantes relataram sobre a recorrência de violências, causando certo estranhamento em algumas ao notarem, durante a própria entrevista, ser um assunto ainda pouco falado e disseminado como formas de enfrentamento a esse tipo de relação desigual e opressiva.

Da mesma maneira, apontaram e notaram diferenças nos tipos de violência a depender de “quem” é a mulher, ou seja, as vivências são desiguais quando se intersecciona marcadores sociais, como raça, sexualidade e classe com gênero. Percebemos, ainda, que discursos hegemônicos provenientes de um processo longo e histórico de socialização de gênero são estabelecidos nas nuances das relações entre homens e mulheres, assim como nas relações

de poder, dificultando que violências mais silenciosas sejam percebidas. Uma limitação desta pesquisa é o fato de terem sido entrevistadas apenas mulheres cisgêneras, o que não aponta as diferenças significativas nas experiências de violência em contextos universitários.

Algumas experiências reconhecidas como importantes por algumas das participantes no combate e enfrentamento deste tipo de violência são exatamente conversas sobre o que está acontecendo, para que essas situações não sejam naturalizadas. Assim, ações como rodas de conversas em Coletivos Feministas, seja de forma presencial ou nas redes sociais são uma maneira de atuar contra tal naturalização. Ainda, foi tratada a importância de um posicionamento mais efetivo e contundente das instituições para que este movimento ganhe força e não sejam apenas ações pontuais das próprias mulheres.

Consideramos que a cena usada para produção de dados nesta pesquisa pode ser um recurso dialógico útil para iniciar e sustentar conversas sobre este tema. Assim, avaliamos que podemos refletir sobre seu uso também para trabalho com grupos, com finalidade preventiva (Paiva, 2000). Tal argumento sustenta nossa escolha de apresentação da cena na íntegra neste artigo, que pode oferecer suporte para práticas profissionais.

Por fim, compreendemos a importância da construção de planejamento de ações por parte das instituições universitárias para ampliar o debate, reflexão e ação para enfrentamento de violências contra as mulheres em seu ambiente, sugestões para pesquisas futuras. Entendemos esse tipo de posicionamento ser marcado pelo imperativo ético de sensibilizar homens universitários para sua responsabilidade no assunto, bem como possibilitar que estudantes universitárias possam saber como e onde encontrar redes de proteção.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

G.C.F. contribuiu para Condução dos processos da pesquisa, participação na coleta de dados, ou realização dos experimentos; Redação e/ou apresentação do trabalho submetido especificamente no que se refere à redação do rascunho inicial (incluindo traduções substantivas).

D.S.K.G. e C.G.L. contribuíram para Ideias; formulação ou desenvolvimento da proposta geral e objetivos do estudo

C.G.L. contribuiu para gerenciamento e coordenação do planejamento e execução das atividades de pesquisa.

Todas contribuíram para Preparação, criação ou apresentação do trabalho submetido, especialmente quanto à revisão textual e conceitual do manuscrito pelos membros do grupo original, tanto em fases anteriores à submissão, quanto durante o processo de avaliação (após as exigências feitas pelos pareceristas e pelo editor).

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com vigência de 01/10/2020 a 30/09/2021. A bolsa concedida foi da modalidade de iniciação científica no país (Brasil), tratando-se do processo número 2020/08390-6.

REFERÊNCIAS

- Almeida, H. B. (2019). Violence sexuelle et de genre à l'université: du secret à la bataille pour la reconnaissance. *Brésil(s): sciences humaines et sociales*, 16, 1-21. <https://doi.org/10.4000/bresils.5348>
- Almeida, T. M. C. (2017). *Violências contra mulheres nos espaços universitários*. In C. Stevens et al. (Orgs.), *Mulheres e violências: interseccionalidades* (pp. 384-399). Technopolitik.
- Bandeira, L. M. (2017). Trotes, assédios e violência sexual nos campi universitários no Brasil. *Gênero*, 17(2), 49-79. <https://doceru.com/doc/5xnvcn8>
- Beiras, A., Bronz, A., & Schneider, P. F. (2021). Grupos reflexivos de gênero para homens no ambiente virtual: primeiras adaptações, desafios metodológicos e potencialidades. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(68), 61-75. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.606>
- Callis, A. S. (2013). The black sheep of the pink flock: labels, stigma, and bisexual identity. *Journal of Bisexuality*, 13(1), 82-105. <https://doi.org/10.1080/15299716.2013.755730>
- Castro, C. T., Zuma, C. E., Boghossian, C. O., Loewenstein, I., & Bergallo, J. (2010). *Prevenção e Atenção à Violência Intra-familiar e de Gênero: Apoio às lideranças comunitárias*. Instituto Noos.
- Chamberlain, P. (2016). Affective temporality: towards a fourth wave. *Gender and Education*, 28(3), 458-464. <https://doi.org/10.1080/09540253.2016.1169249>
- Crenshaw, K. (2004). A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Cruzamento: raça e gênero*, 1(1), 7-16. <https://doi.org/10.4324/9780203005972-52>
- D'Ávila, M. (2019). *Por que lutamos? Um livro sobre amor e liberdade*. Planeta.
- Fischer, R. M. B. (2001). Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, 114, 197-223. <https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/?format=pdf&lang=pt>

- Gergen, K. (2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *Revista Internacional Interdisciplinar. INTERthesis*, 6(1), 299-325. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2009v6n1p299>
- Gergen, M. (2001). *Feminist reconstructions in psychology: narrative, gender, and performance*. Sage Publications.
- Gonzalez, L. (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In F., Rios, & M. Lima (Orgs.), *Por um feminismo Afro-Latino-Americano* (pp. 75- 93). Zahar.
- Instituto Avon. (2015). *Violência contra a mulher no ambiente universitário*. Pesquisa Instituto Avon/Data Popular.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó. (original publicado em 2008)
- Linhares, Y, Fontana, J., & Laurenti, C. (2021). Protocolos de prevenção e enfrentamento da violência sexual no contexto universitário: uma análise do cenário latino-americano. *Revista Saúde e Sociedade*, 30(1), 1-15. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200180>
- Maito, D. C., Panúncio-Pinto, M. P., Severi, F. C., & Vieira, E. M. (2019). Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade. *Interface*, 23(s/n), 1-15. <https://doi.org/10.1590/Interface.180653>
- McNamee, S. (2014). Construindo conhecimento/ construindo investigação: coordenando mundos de pesquisa. In C. Guanaes-Lorenzi, M. Moscheta, C. M. Corradi-Webster, & L. Vilela e Souza (Orgs.), *Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento* (pp. 105-131). Instituto Noos.
- Moraga-Contreras, C. (2018). Inequidades de gênero em espaços universitários: uma nova orla feminista se levanta em Chile. *Interciencia*, 43(7), 465. <https://www.redalyc.org/journal/339/33957461001/html/>
- Paiva, V. (2000). *Fazendo Arte com a Camisinha: sexualidades jovens em tempos de Aids*. Summus Editorial.
- Paiva, V. (2008). A Psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicologia em Estudo*, 13(4), 641-651. <https://www.scielo.br/j/pe/a/64cZ3VhdyLrpf6FzS8t95Mc/?format=pdf&lang=pt>
- Pinheiro, O. G. (2013). Entrevista: uma prática discursiva. In M. J. Spink (Org.), *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano* (pp. 135-166). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Rasera, E., Guanaes-Lorenzi, C. & Corradi-Webster, C. (2016). Pesquisa como prática social: o pesquisador e os "outros" na produção de conhecimento. *Athenea Digital*, 16(2), 325-347.
- Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. (2016). Determina diretrizes éticas específicas para as ciências humanas e sociais. Brasil.
- Silva, P. L. N., Almeida, S. G., Martins, A. G., Gamba, M. A., Alves, E. C. S., & Silva, R. F. Jr. (2016). Práticas educativas sobre violência contra a mulher na formação de universitários. *Revista Bioética*, 24(2), 276-285. <https://doi.org/10.1590/1983-80422016242128>
- Souza, R. H. V., França, M. P. S., & Pereira, C. M. (2020). Violência de gênero e assédio sexual em uma universidade piauiense: aproximações ao campo de estudo. *Brazilian Journal of Development*, 6(5), 26705-26721. <http://doi.org/10.34117/bjdv6n5-213>
- Souza, T. M. C. & Costa, C. L. (2022). Políticas na academia para o enfrentamento às violências de gênero: sobre potências e manutenção de opressões. In T. M. C. Almeida, & V. Zanello (Orgs.), *Panoramas da Violência Contra Mulheres nas Universidades Brasileiras e Latino-Americanas*. OAB Editora.
- Spink, M. J., & Medrado, B. (2013). *Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas*. In Mary Jane Spink (Org.), *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano* (pp. 1-20). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Data de submissão: 12/01/2024

Primeira decisão editorial: 06/01/2025

Aceite: 20/01/2025